

O COVEIRO

Proscritos andavam os tempos em que o livre arbítrio era tido como dado adquirido. Andava no ar um certo acordo, em que só o tido como verdade imposta era aceite. Não que as pessoas tidas como esclarecidas, deixassem de resmungar as certezas pelos recônditos das casas, pelos desvãos obscuros, que por teimosia escondiam os ecos das verdades passíveis de punição.

Os amantes da verdade palmilhavam chãos desnivelados e escorregadios. Não conseguiam vislumbrar no horizonte, qualquer futuro em que não precisassem esconder as certezas.

Foi levando o seu corpo até onde as forças conseguiram arrastar a alma. Tropeçou em passados pesados, afundou os pés na lama pegajosa da ignomínia social, que deixou marcas profundas, alastrando por todo o seu ser.

Ainda por cima havia sido vítima do ostracismo político, que o obrigou a mudar de bairro, indo para onde não era conhecido.

O cansaço e a falta de forças anímicas o deixavam prostrado, assim como um velho em caquexia, apesar de manter toda a sua massa muscular bem estruturada.

Sentia que não bastava somente mudar de lugar para se esconder. Teria que fazer uma mudança de dentro para fora, assim como um renascer dentro do seu próprio corpo (não bastava mudar a pele como fazem os ofídios).

Procurar um entendimento social que não destruísse a sua formação política, consciência dos problemas sociais. Tinha que aprender a chegar até onde poderia ir, sem colidir demasiadamente com os pensares vigentes e das pessoas pouco esclarecidas ou fortemente reacionárias.

Obviamente que existem seres tão firmemente obstinados em seus propósitos, que não surtiria nenhum efeito de transmutação nos seus objetivos de vida, tentar mudá-los. Só traria desconforto mútuo.

É, dois passos em frente e um atrás. Mas parecia o contrário. Não conseguia avançar em nada.

Então qual seria a opção mais lógica? Desistir e vegetar como o grosso da população que passa o tempo todo vendendo a sua força de trabalho para ganhar um salário miserável e viver contando os tostões? E ao mesmo tempo ter a

consciência que a sua mais valia enche os bolsos dos capitalistas filhos da puta enquanto o povo é oprimido?

João Vasconcelos de Melo Batista, abandonou sua cidade do recôncavo baiano, logo após o enterro da sua mulher, vítima de um câncer do pulmão que ceifou a sua vida em menos de seis meses.

Aproveitou uma trégua da polícia política em respeito ao seu luto e se escafedeu, sem destino, levando todas as economias que conseguiu juntar, escapando assim de uma prisão tida como certa. Iria parar, com certeza, aos calabouços de tortura do regime.

Foi procurar o Antônio capelão, apelido dado na infância, mas que não continha nenhuma verdade, pois era um acérrimo anticristo e defendia a tese de que Cristo fora um contrarrevolucionário, que tinha traído o povo que o seguia e que por isso foi crucificado.

Mas João não estava nem um pouco interessado em discussões religiosas. O Antônio capelão era conhecido nos meandros extraoficiais, por fazer documentos falsos tão perfeitos que as autoridades não conseguiam detectar. João antes de o procurar, raspou a barba, cortou o cabelo bem curto e o pintou de negro (que antes era alourado), colocou lentes de contato de cor negra, escondendo o azul dos seus olhos, conseguindo assim, mudar completamente a sua figura. Surgia, assim, Bartolomeu de Nazaré, nascido em um bairro favelado do Rio de Janeiro.

Com novos documentos na mão, o nascido Bartolomeu, migrou para a Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, onde iria tentar uma nova vida, tentando se tornar igual ao comum dos mortais.

Só não sabia que por aquelas bandas o comum dos mortais era quase sempre pessoa dada à traficância de drogas e repartidos em inúmeras gangs, que se digladiavam para manter os seus territórios de venda.

Aceitou o primeiro emprego que encontrou, que era de coveiro no cemitério local, conhecido por ter mais defuntos jovens que velhos.

Se habituou, também, a ser vigiado pela polícia antidrogas, que fazia vigília à porta do cemitério, desde que foi descoberto enterros sem mortos, com caixões cheios com drogas, que eram esvaziados pela calada da noite pelo coveiro, que ao ser descoberto, foi preso, deixando a vaga de emprego para aberta ele.

A sociedade estava por um lado oprimida pela polícia política e por outro pelo tráfico de drogas. Parecia que o povo, tinha chegado ao fim duma estrada sem saída.

No meio disso tudo, estavam os moradores, que sofriam as auguras da vida tentando sobreviver naquela selva, espalmados contra a parede da existência.

Ele, em pouco tempo passou a ser conhecido como “o Coveiro”. Não se importou com isso, afinal Bartolomeu não era o seu nome.

Trazia na boca sempre uma palavra amiga para os familiares e amigos dos que enterrava no espaço aberto de sete palmos e em pouco tempo já era querido pelos frequentadores do cemitério, que habitualmente, vinham enfeitar as campas dos entes queridos, com flores ou um vasinho com plantas.

A trôpega Marcela, arrastava em passos desiguais, os seus setenta anos, quase todos os dias pelo cemitério afora. Não se ficava nas visitas aos seus mortos, prolongava a estadia na casa dos mortos, visitando os amigos dos seus mortos, assim como compensação pelo abandono que os familiares daqueles os relegavam.

Distribuía amor para todos os seres, viventes ou não, que encontrava pelo caminho. Se habituou de tal maneira a falar com os mortos, que em breve vivia diálogos com eles, com respostas do além só por ela ouvidas.

No encurtamento da sua perna esquerda, sequela de um atropelamento sofrido quando ainda era muito jovem, fazia um troc-trac desigual e repetitivo, fazendo lembrar o acompanhamento de samba.

O Coveiro jurava para quem quisesse ouvir, que ela trazia na cabeça a música que acompanhava em seu troc-trac e que já tinha descoberto qual era a música.

- Não fode, Coveiro. Tu descobriu a música que ela tem na cabeça só ouvindo o compasso do andar dela? Vai contar essa pra outro, pela madrugada! – disse o escriturário do cemitério quando ouviu tamanha aberração.

- Tá duvidando? Então repara só! Lá vem ela entrando no cemitério. Repara que ela vai parar. Viu só? Agora vai começar andando acompanhando o sambinha. Olha só! “Quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela”.

- Puta que pariu, dá certinho com a música. – concordou.

- Na verdade eu não quero mentir pra você dizendo que eu consigo entrar na cabeça dela. Mas achei engraçado ver como ela cumpre sempre o mesmo ritual.

- Olhe, parou. Será que vai começar a andar com a mesma música, ou muda o repertório?

- Vamos experimentar outra: “Lá vem a negra Luzia, no meio da cavalaria. Vai correr lista lá na vizinhança, pra pagar mais uma fiança”.

- Puta merda, essa também dá. É a velha mais musical que eu já conheci!

Riram os amigos até doer a barriga. Combinaram uma cerveja acompanhada com linguiça frita no fim do expediente, lá no boteco do Manoel, era sexta-feira, dia que aparecia sempre um violão, um pandeiro e uma cuíca, o samba ia pegar fogo até às tantas.

O Manoel era um velho português que já fazia parte do patrimônio do bairro. Fazia petiscos como mais nenhum boteco conseguia. Misturava sabores cariocas, mineiros, paulistas e portugueses.

Era um boteco de esquina, mas ele havia comprado a loja do lado e aumentou para o dobro o tamanho do boteco. Às sextas-feiras corria um samba rasgado e o chope era bem gelado, mesmo ao gosto do carioca.

Completamente entrosado no meio, o Manoel batucava no balcão e cantava junto com os fregueses, a única diferença é que bebia guaraná em vez de cerveja.

- Pô, Manoel, dando uma de santo bebendo guaraná? – espicçou o Coveiro.

- Ó Coveiro, não dá para beber e trabalhar! - respondeu ainda com ligeiro sotaque português.

Naquele boteco parava todo o tipo de gente: malandros assumidos, prostitutas, homossexuais, intelectuais de esquerda e todo o pessoal do bloco carnavalesco local. O Manoel era tão querido por todos que era dono do único boteco que nunca tinha sofrido qualquer assalto ou roubo.

Ali era o berço dos excluídos da burguesia dominante. Era a casa do povão.

Lá para as tantas a conversa descambava para a política, bem lá no fundo do boteco. Na frente ficava o samba rasgado abafando a discussão política, dando cobertura ao extravasar da bile acumulada durante toda a semana de proibições impostas pelo regime opressor.

O Coveiro começou a liderar uma frente de trabalhadores da prefeitura com o intuito de exigir melhores salários aos garis e trabalhadores do cemitério. Era mestre em

palavras de ordem e engendrou uma para os trabalhadores do cemitério: “Aumentem nossos salários, ou estarão a cavar a própria cova”.

E outra para os garis: “Ouçam os trabalhadores que limpam a sua sujeira”. E outras coisas do gênero, provocando o escárnio da população.

O Coveiro foi chamado à prefeitura e foi avisado que seria despedido se continuasse com as gracinhas.

Sentiu que a ameaça seria cumprida. Ou mudava o seu comportamento, ou teria que mudar de terra outra vez. Tivera sorte em conseguir aquele emprego e já andava cansado de tentar derrubar aquele muro intransponível da repressão. Por trás dele os donos do poder mantinham as suas vidas regaladas, longe dos protestos sociais.

Sentia que necessitava de uma organização de base, que não poderia agir sozinho, sem apoios. Começaria a sua busca por um caminho diferente, não conseguia ficar amorfo perante tal aviltamento social.

O estado social era como um grande manto obscuro invadindo a privacidade do povo, obstruindo o caminho da democracia.

A par da repressão, os desempregados aumentavam de número, e era ver a decadência deles. Na fome que os assolava, revolviam os lixos dos hotéis e dos supermercados, à procura de alimentos. Eram escorraçados pela polícia local, que não gostava de ver miséria nas suas áreas de vigilância. O Coveiro, entabulou conversa com o Jacaré, assim apelidado por dormir na beira do rio.

-Então, Jacaré? Conseguiu encontrar alguns alimentos que pudesse aproveitar?

- Tá difícil, Coveiro. Qualquer dia vou te obrigar a abrir uma cova para mim. – respondeu.

- Que nada, tu tá vendendo saúde.

- Mas a doença da alma, também mata, Coveiro. Tenho a minha toda esfrangalhada, sem esperança por dentro. Meus filhos, já foram morar com a avó, em Marechal Hermes. Tinham vergonha do pai.

- A pobreza não é vergonhosa, Jacaré, é aviltante.

- Lá vem você com palavras esquisitas na boca.

- Vou tentar cavar um emprego para você lá na prefeitura, sei que estão precisando de garis.

- É, mas agora, só estão contratando mulheres para isso, dizem que elas varrem melhor que os homens e trabalham mais.

- E mais barato, sabia? – acrescentou.

- Vou ver se arranjo uma vaga para a minha mulher, mas o pior é que ela é analfabeta e eles exigem a escola primária completa.

- É, é para respeitarem as regras escritas pelos esbirros da repressão.

- Lá está você com essas palavras que ninguém sabe o que é.

- Neste caso, Jacaré, ainda bem que ninguém sabe o que significa, senão eu ia para atrás das grades, que são piores que as masmorras medievais.

O Jacaré ficou por alguns momentos olhando interrogativamente para o Coveiro, tentando entender a última frase, quando interrompeu seus pensamentos e disse:

- Coveiro, toca a circular, que lá vem o guarda Francisco, que tem uma implicância comigo do caralho. Vai embora, senão você também come.

Esses retratos sociais, pintavam de negro o panorama da cidade. Repressão e miséria, andavam de braços dados.

Uma tristeza profunda estava invadindo todo o interior do Coveiro. Achou também que fazia falta uma mulher no seu leito, um amor para partilhar a vida.

João Vasconcelos de Melo Batista; Bartolomeu de Nazaré; o Coveiro, a trindade de heterônimos, aberto à uma nova vida, decidido a mudá-la e a mudar o mundo à sua volta, abrindo caminhos sem obstáculos, desimpedidos, sem cerceamentos ao livre pensamento, com empregos para o povo faminto.

Perdido em tais pensamentos, começou ouvindo uns barulhos esquisitos no meio do bairro.

Magali foi puxada pelos cabelos até à rua e jogada como um pacote abobalhado na lama que havia se formado depois de dois dias consecutivos de chuva miúda e fria.

Oswaldo, o seu carrasco, em altos brados para toda a vizinhança ouvir, dizia:

- Sua puta ordinária. Isso é para aprender a nunca mais botar cornos no marido. Vou entrar, se você ainda estiver aí daqui a cinco minutos, vou te dar tanta porrada, que você vai se lembrar de cada minuto que me corneou. – e entrou em casa batendo a porta.

Magali, ficou na lama estatelada, olhando o vazio, sem ação, com hematoma nos dois olhos, suas mãos desenhavam no ar, movimentos concretos de quem pede

ajuda, sem nada verbalizar. O Coveiro viu tudo o que se passara e, sem pensar duas vezes, convenceu a Magali que era melhor o acompanhar até ao seu muquifo, que ficava a dois passos dali.

- Vamos Magali, saia desta lama, venha para a minha casa que eu vou conversar com o seu marido.

Como um autômato, Magali acompanhou o Coveiro.

- Vá tomar um banho, vou até à sua casa buscar as suas coisas.

O Coveiro era amigo do Osvaldo e sabia que ele não era má pessoa, mas era daqueles machões irredutíveis.

- Osvaldo, estou entrando. – e foi entrando como se tivesse sido convidado.

- Nem pense que vou deixar aquela puta entrar aqui. – bradou o Osvaldo.

- Calma, eu só vim conversar.

- Não estou com vontade de falar com ninguém. – e mirou o coveiro com os olhos marejados de lágrimas.

- Tá, tá bem!. Então vou só buscar umas roupas dela, ela precisa tomar um banho e trocar de roupa. Amanhã a gente conversa. Hoje ela fica na minha casa. E você precisa de alguma coisa? Tenho um restinho de cachaça lá em casa, posso trazer.

- Aceito, brigado Coveiro.

Em dois minutos ele estava de volta com dois dedos de cachaça, o suficiente para obnubilar a mente conturbada do Osvaldo, que era fraco com a cachaça e provocar um sono reparador, daqueles que têm a capacidade de aquiescer o espírito. Pegou em vestimentas da Magali, meteu tudo dentro dum saco. Deu um longo abraço apertado no Osvaldo, que fez brotar em catadupa as lágrimas reprimidas. Num sonoro boa noite, amanhã a gente conversa, saiu.

Entrou em casa dizendo:

- Magali, trouxe umas roupas. Vá tomar um banho, que eu vou até ao boteco para deixar você mais à vontade.

E saiu para o boteco do português. Quando entrou, sentiu o silêncio gerado pela sua entrada. Não tocou no assunto com ninguém.

- Portuga, sai uma daquelas que o padre bebe e um bolinho de bacalhau.

- É pra já.

O ambiente do bar voltou ao normal, quando todos viram que ele não iria tocar no assunto.

A conversa rolava no sentido justo dos dias passados debaixo daquela chuva tão chata. Os mosquitos já começavam a aparecer. Mas o certo é que todos estavam com o pensamento na briga do casal.

O Coveiro já ia na quinta cachaça e com três bolinhos de bacalhau no bucho, quando ouviu gritos vindo do fundo da rua, onde ele morava.

- Puta que pariu, deu merda! – verbalizou o Coveiro, que já via, dentro da sua cabeça, estendida na lama o corpo esfaqueado da Magali.

Correram todos para lá. E o que viram deixou a todos, estampado nas suas caras, um perplexo ar de pavor.

Magali, toda ensanguentada, puxava com muito esforço pela lama da rua, o corpo do Osvaldo, pelos cabelos, tal qual ele havia feito com ela. No pescoço do Osvaldo um enorme corte que deixava ver a sua traqueia exposta e o sangue a escorrer das suas jugulares. Na outra mão, a Magali trazia a peixeira com que consumara o assassinato. Era um quadro difícil de descrever; Dantesco, Magali, envolta em lama e sangue, arfando e com os olhos esbugalhados, cegos de ódio, num esforço descomunal, puxava o corpo ao mesmo tempo que ameaçava o povo com a peixeira.

- Ninguém me toca, se quiser continuando vivo. Sai de perto. – gritava, enquanto agitava a peixeira no ar.

Até que prostrada, caiu sentada na lama, largando a arma no chão. Foi justo na hora que a polícia chegou, chamada por alguém. Algemaram a Magali e disseram que ninguém deveria tocar no cadáver até chegar a polícia judiciária, mesmo assim, deixaram um guarda de plantão.

O Coveiro pensou, sem verbalizar, que talvez tenha sido culpa da cachaça que tinha levado para o Osvaldo, ele não tinha o costume de beber, e isso facilitou o trabalho da Magali.

Começou observando, o estranho caminho, sulcado na lama pelo peso do corpo do Osvaldo, assim, em ziguezague, com matizes vermelhas e ocre. A chuva continuava, indiferente a tudo que se passou, tentando apagar os rastros do crime.

Putá que pariu, pensou sem verbalizar, uma alma boa se foi e eu aqui, na chuva tecendo considerações de merda e olhando para a lama, encharcado até os ossos.

Depois chegaram outros policiais, levaram o corpo e em pouco tempo, só sobrou vestígios de sangue na lama. A chuva aumentou de intensidade e ia se incumbindo de fazer desaparecer, lentamente, os vestígios. Primeiro tornando o vermelho vivo, em um rosa forte, fazendo figuras estranhas na lama, depois ia percorrendo as frinchas, os desvãos e sendo engolidos pelos poucos bueiros existentes, modificando o cenário, mostrando a quem quisesse ver, que, nesta vida miserável, nada se cria, só se transforma, como dizia Lavoisier, o pior é quando se transforma em vestígios de vida de merda, que ninguém gosta de viver.

Os acontecimentos abruptos, fizeram desaparecer o pensamento toldado pela cachaça e o remeteu à uma noite insone e povoada com sonhos violentos, em que ele era a Magali, que tinha embebedado o Osvaldo para cortar o seu pescoço, livrando o Coveiro da culpa assumida.

Acordou todo urinado e com vômitos, quando o dia já andava pela metade.

Não conseguiu trabalhar naquele dia, ficou, assim, prostrado, sem ânimo para nada. Já eram quatro da tarde, quando foi chamado para enterrar uma criança de dois meses, que havia sucumbido no corredor do hospital regional, enquanto aguardava atendimento, vítima de gastroenterite. O médico tinha faltado ao plantão.

No cemitério um alarido de protesto se ouvia, pelo péssimo atendimento hospitalar, mas tímido, só os ouvidos mais atentos o ouviam.

O marido da mãe da criança morta, havia sido preso há um mês por tráfico de drogas. Inconsolada, a mãe se meteu dentro da cova da criança, se recusando a sair e foi preciso chamar a polícia para a retirar de lá.

Nesse mundo real, onde só resta a amarga vida para ser vivida, aquelas almas vão se descaracterizando, se deixando levar por uma plêiade de sentimentos distorcidos, originando realidades paralelas, onde se refugiam.

Ao Coveiro, restava apenas as lembranças de tempos idos, sem saudades, daquelas que parecem ter o peso do descaso, do desprezo.

Comprimido contra si próprio, as incertezas que varriam os pós dos anos acumulados, ficando apenas as más lembranças, aquelas que doem quando são lembradas.

Trazia sempre as mãos cheias de bondade e distribuía verdades por todo lado e quando sentia que era ouvido, conciliava no sono dos justos e os seus sonhos eram de uma sociedade mais justa, onde a miséria humana inexistia.

Assim que foram autorizadas visitas à Magali, o Coveiro pôs o pé no caminho, até ao presídio feminino, onde Magali cumpria pena.

- Nome? – perguntou o guarda prisional.

- Bartolomeu de Nazaré. – respondeu, mostrando o seu R.G.

- Não pode entrar com nada nos bolsos, nem relógio, nem celular. Esvazie os bolsos e ponha dentro deste envelope. Agora tire a roupa toda e levante os braços e abra as pernas. Agora vire de costas para mim abra as pernas e abaixe, abrindo a bunda com as duas mãos.

- Como? – perguntou o coveiro.

- Você tem que abrir a bunda com as duas mãos, agachar e tossir. – respondeu irritado o guarda prisional.

Se o coveiro trouxesse alguma coisa escondida no ânus, ela sairia e sua entrada seria proibida. O coveiro ainda titubeou, mas o guarda foi impositivo:

- Ou faz o que eu mando, ou pode se vestir e ir embora. – gritou zangado, o guarda.

Se sentindo constrangido e envergonhado, o coveiro cumpriu as normas. Só teve pena de não estar com diarreia, pois assim sujaria todo o chão, como quem se cagasse para normas tão absurdas.

- Pode vestir e vá para aquela saleta. – mandou o guarda chateado de ver tanta bunda.

Arrastou o corpo, como se não tivesse valia e enquanto se vestia, ia digerindo a situação e interiorizando aquela situação tão inusitada. Seria assim nos países mais evoluídos com democracia atuante? Achou que a sua profissão de enterrar pessoas mortas, não era nada desagradável comparando com a vida daquele guarda que, no dia de visitas, passa o dia inteiro fazendo aquilo.

Era uma prisão de alta segurança e o coveiro não entendia por que a Magali fora mandada para aquele presídio. Ela não tinha antecedentes criminais e não era uma pessoa perigosa, apenas quis acabar com a vida de quem havia acabado com a sua, salvo as devidas proporções.

Em conversas com seus amigos, dizia em tom bem-humorado, que Magali sem facas, só cortava a respiração de quem olhasse para o seu fabuloso corpo. Só por ela, ele passava pela humilhação de expor a sua bunda para aquele guarda de merda.

Era a única pessoa que a visitava, ela ficou sendo uma pessoa assim proscrita por todos que a conheciam, até para o Tião, que foi o móbil que provocou tudo aquilo. O Tião era casado e toda aquela confusão respingou no seu fraco casamento, que acabou logo após a tragédia e ele foi embora para o Ceará, sua terra natal, largando a sua mulher e a sua filha, para que engrossassem o rol das mulheres abandonadas.

Nas primeiras visitas, o Coveiro não conseguia arrancar nenhuma palavra da Magali, mas, ele que sempre se achou um psicólogo do povo, falava pelos cotovelos e trazia cigarros e chocolate. Sentava-se à sua frente e desbobinava uma série de informações inúteis, só conversas de circunstância. Às vezes mesclava com poemas, que escrevia nas suas noites de solidão e que lia para ela, sem pedir atenção ou aplauso. Trazia notícias políticas do país e do burgo, como a notícia do Josualdo, que foi preso e mandado para uma prisão política por ter incitado os seus colegas de trabalho a se inscreverem no sindicato proibido pelo governo.

Ele estudava as expressões da Magali e notou que se interessava pelas notícias políticas e por seus poemas. Todas as quintas-feiras, ia visitá-la.

Até que sentiu que era benquisto, que já era recebido com mais simpatia, desde que as palavras começaram a brotar dos lábios da Magali. Primeiro timidamente com agradecimentos pela amizade, depois já com confissões de arrependimento do seu ato, numa voz quente e doce. Foi uma loucura momentânea provocada pela humilhação a que foi exposta, pensava o coveiro, dialogando com os seus botões. Ela tem gestos delicados, como pôde se transfigurar daquela maneira?

Ela tinha sido condenada a dezoito anos de reclusão, mas o coveiro, em conversa com a advogada, descobriu que, talvez, com bom comportamento, ela poderia sair em liberdade condicional após seis anos.

- Estou estudando, Coveiro. Deram oportunidade de continuar a faculdade de direito que eu tinha começado quando aquela desgraça aconteceu. Recebo o programa a

ser estudado e eles vêm à cadeia para me fazer os exames escritos. Eu preciso de ter uma profissão para continuar a minha vida. – confessou a Magali.

- Pô, que legal! Literalmente falando. – respondeu reforçando o trocadilho.

- Tenho umas poucas economias, se eu precisar de livros, você poderia comprar para mim? - perguntou Magali

- Lógico. Sabe, eu também já fui aluno de direito, mas tive que fugir às investidas da polícia política e abandonei tudo, tive que mudar de nome e agora sou um homem com documentos falsos. Na verdade, acho que realmente, sou um outro homem. Estou mais ligado à vida do povo agora, do que quando eu lutava em nome do povo. Serviu de lição, agora estou estudando a melhor forma de voltar à luta, mais consubstanciado com verdades. Não irei falhar outra vez. Já consigo sentir o povo, pois agora faço parte dele.

- Puxa, que legal. Não sabia nada do seu passado.

- E espero que mais ninguém saiba.

- Não pela minha boca. Vou estudar muito, para ser uma excelente advogada, para advogar pela sua causa e pela causa do povo.

- Pode crer, que é a única causa justa neste mundo.

Aquela conversa balançou o Coveiro. Magali estava despontando para a verdade da vida.

Ele tinha em casa, as proibitivas obras de Engels, seu ídolo. Engels era, junto com Marx, mentor do socialismo científico, tendo sido o autor do livro “Do Socialismo Utópico ao Científico” e do “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”. Este último livro, era como uma bíblia para o coveiro. Achava, que a perpetuação do capitalismo, estava na transmissão das heranças, que a sociedade que conseguisse acabar com o direito de herança estaria a um passo do verdadeiro socialismo. Do gênero, nascemos nus, porque somos todos iguais, é a vestimenta que nos faz diferentes uns dos outros porque ao fim e ao cabo, somos todos feitos da mesma matéria e quando morremos nada de material levamos.

Levou esse último livro para Magali.

- Magali, tive que tirar a capa comprometedora deste livro que trago para você ler. Se você gostar, tiro fotocópias, porque esse é o meu livro de cabeceira e no Brasil,

não encontro mais nenhum exemplar para comprar. Acho que ele irá compor as ideias que eu tenho tentado inocular no seu sangue. Bom proveito.

- Puxa, alguma coisa extracurricular. Vou gostar com certeza, aqui tenho todo o tempo do mundo para ler e refletir.

Sentiu no olhar da Magali, um brilho diferente. Algo como uma atração por ele.

Naquela noite não deixou de pensar naquele olhar, achou que talvez estivesse nascendo uma possível relação amorosa entre os dois. Ele estava precisando de um amor na vida. Gostava da Magali. Quem sabe, ela sem facas... (sorriu da própria piada que não saiu verbalizada).

Convocou uma reunião, que seria realizada no bar do português, que fechava sempre à segunda feira para descanso. Não foi difícil convencê-lo a ceder o espaço, quando disse que seria uma reunião não autorizada, onde seriam tratadas questões laborais que precisavam achar uma consonância e limar arestas.

- Coveiro, sempre que você precisar é só comunicar, venho dum país oprimido politicamente como o seu e que tive que abandonar ou iria parar à prisão política. No seu país encontrei uma nova vida e dou toda a força para que vocês consigam quebrar a muralha da repressão. Só não podem dizer que eu sabia que iria se realizar uma reunião não autorizada no meu bar, ou serei deportado e preso. – disse o português, com os olhos marejados.

- Puta merda, portuga, obrigado. Dá um abraço de camarada. A minha boca é um poço profundo, nem que eu berre, ninguém ouvirá. Se eu for descoberto, direi que pedi as chaves para comer a Raimundinha. – respondeu, alegre por pisar em terra fértil.

Quase sussurrando, o Coveiro iniciou a reunião:

- Temos que falar baixo, pô! Já sabem que as associações, o sindicalismo, e as reuniões não comunicadas, estão proibidas. É a lei da rolha. E quem prevaricar, vai dentro. Os homens não estão brincando. – disse, procurando dar alguma importância àquela primeira reunião dos garis e funcionários do cemitério, lembrando-se que já tinha sido avisado que os contratados sem concurso público, são um zero à esquerda, pisam o risco e são logo mandados embora, pois existe uma multidão de pessoas querendo os seus empregos.

Todos os convocados compareceram. Ia dando merda porque o Everaldo trouxe uma garrafa de pinga para ir regando a palavra.

- Pô, Everaldo. Isso é uma reunião para tratarmos dos nossos problemas profissionais, não é um convívio. – disse o Coveiro, com a cara mais séria que conseguiu arranjar, pois a sua vontade era de rir daquela situação tão inusitada.

- Pronto, desculpe, foi mal! A gente seca essa garrafa no fim da reunião. – disse a boa alma do Everaldo, que era querido por todos, mas que era duma ingenuidade à toda prova.

Obviamente, o coveiro assinalou dois problemas laborais comuns às duas classes trabalhadoras, mas a sua finalidade, era discutir a situação política que tudo proibia, até aquela simples reunião laboral. Destacou o quanto a sociedade estava oprimida, a quantidade de pessoas que estavam sendo presas e torturadas e muitas sendo eliminadas, sem que os familiares sequer recebessem os corpos para fazer os enterros. Para muitos, essas revelações eram novidades, pois o regime camuflava muito bem as suas ações, nada deixando transparecer nos noticiários, que eram censurados. Ele sabia como chegar à sensibilidade das pessoas, não radicalizava as questões, nem as atirava como verdades absolutas, de forma que as pessoas podiam tirar as suas elações. Dois passos em frente e um atrás, como se dizia na boa regra da política revolucionária.

Acabada a reunião, foram saindo um por vez, com intervalos de cinco minutos, para não chamar a atenção de ninguém. O coveiro e o Everaldo, foram os dois últimos.

- Coveiro, anda comigo para a beira da praia de Mauá pra gente derrotar essa garrafa. – verbalizou o Everaldo.

Era noite de lua cheia de agosto e a lua parecia ter o dobro do tamanho, iluminando tudo, parecia um sol noturno. Magé tinha encantos que era preciso cuidar. Mas na beira daquela praia de Mauá, com lua cheia, o principal objetivo era esvaziar aquela garrafa de cachaça.

Everaldo tinha quase dois metros de altura, mas parecia um menino grande com a sua falta de cultura e por isso fazia montes de perguntas sobre todas as coisas. O Coveiro andava preocupado. E se ele não contivesse a sua grande língua faladora dentro da boca? E se começasse a dar com a língua nos dentes contando o que se passou na reunião?

- Eta cachaça boa Everaldo!
- Foi meu sobrinho que trouxe da Paraíba.
- Everaldo, nessas nossas reuniões, como você viu, tratamos de coisas simples, que não irá prejudicar a vida de ninguém. Mas elas são proibidas e se forem descobertas, todos nós vamos parar na cadeia acusados de comunistas. E comunista neste país, leva muita porrada.
- Coveiro, eu não vou contar nada pra ninguém desse nosso encontro, pode deixar que comigo o segredo está bem guardado.

O Coveiro achou que podia confiar nele, só não sabia se podia confiar na sua língua faladora. Na volta passaram na padaria para comer pão quente com manteiga e café.

Em casa, com a cabeça cheia de cachaça, olhou para o vazio da casa e se sentiu como pesava a solidão. Estava difícil de suportar. Todas as quintas feiras, fazia visita à Magali com direito à meia hora de intimidade, onde davam vazão à paixão avassaladora que surgiu entre os dois.

- Na nossa vida não existe cotidiano arrasador, mesmo porque só nos encontramos uma vez por semana. – disse Magali, sorrindo.
- Mas em breve iremos cair no cotidiano, pois a sua liberdade condicional não irá demorar.
- Tomara. Minha vida se renovou desde que começamos o namoro e os meus estudos. Mas não há nada como a liberdade.

O coveiro contou das reuniões com os trabalhadores e como eles estavam evoluindo, com pensamento mais no coletivo, vendo a sociedade como um todo e não somente o que se passava à volta dos seus umbigos. Estava em embrião uma associação de apoio aos familiares dos presos políticos. Aquelas famílias que ficaram desprovidas dos salários dos maridos presos e que estavam, literalmente, passando fome. Escolhemos um nome que não chamasse a atenção dos esbirros, ou a associação estaria fadada ao insucesso. Demos o nome de Clube das Bordadeiras da Praia de Mauá. Elas realmente fazem um bordado regional bonito, estampado em toalhas de mesa e lençóis de linho. Estão cada vez mais aumentando a produção e consegui vender o produto para uma loja chique de

Ipanema por um bom preço. Além disso, consegui vender sem nota fiscal, sonegando os impostos que estão enchendo os bolsos dos corruptos.

- Se você for apanhado, vai dentro e nunca mais sai de lá.

- Eu sei, Magali. Mas não consigo ficar inerte perante tanto descalabro social. Alguém tem que fazer alguma coisa.

- E se começam a prender os seus companheiros? Podem dar com a língua nos dentes.

- Eu não ia contar, mas prenderam o Everaldo na semana passada. Tentei visitá-lo, mas como não sou parente, não me deixaram vê-lo, nem me informaram para onde foi mandado. Mandaram-me embora antes que me prendessem também.

- Acha que ele vai dizer alguma coisa?

- Até agora não houve mais prisões, de modo, que acho que está aguentando bem.

- E como reagiram os outros?

- Com medo. Anulei qualquer reunião até ver onde isso para.

- Você não acha que está em risco de prisão?

- Estou, mas acho que não me prenderam ainda, porque estão à espera de apanhar mais gente comprometida. Vou ter que dar um tempo. Vou meter férias e vou para o interior do Pará, na região do Araguaia, onde está surgindo um grupo de luta armada rural, que está interagindo com uma população local, prestando serviços de saúde, e se alfabetização, tentando ganhar mais militantes.

- E quando pretende ir?

- Amanhã, antes que eu seja preso.

- E quando volta?

- Só tenho férias por 30 dias. Tenho que ver como andam as coisas por aquele interior, não consigo ficar parado aqui, quando toda a ação se desenrola no campo. Eu estou queimado na cidade e não tenho valia por aqui.

Magali viu o seu companheiro partir, sem saber quando o iria ver outra vez. De novo iria enfrentar a solidão do exílio, sem saída escapatória. Tocou de leve na sua barriga para acariciar o seu filho, que já estava com nove semanas de gestação. Não conseguiu contar ao Coveiro o seu segredo, achou melhor esperar pela sua volta, para juntos, programarem uma vida sadia para o rebento.

Everaldo, no hospital, não sabia quanto tempo ficou sem a sua cabeça, essa fiel depositária das lembranças. Nem sabia há quanto tempo estava deitado de barriga para cima na cama do hospital. Não conhecia as pessoas que dividiam com ele a enfermaria e ainda não tinha descoberto por que o olhavam daquela maneira esquisita. Desde que acordou, ainda ninguém tinha vindo falar com ele. Via batas brancas numa azáfama de um lado para o outro, parecendo que tentavam esticar os minutos para distribuir entre tantos afazeres. Tentou levantar e não conseguiu, tinha a perna esquerda engessada e o braço direito numa tipoia. Não tinha nenhum espelho onde pudesse ver a cara, passou a mão na cara e descobriu umas gazes tampando a sua orelha esquerda.

A alma doía.

Nem sabia que alma doía, mas doía.

Tentou falar, mas sentia a língua muito pesada e grande. Fechou os olhos na tentativa de lembrar o que tinha acontecido com ele. Talvez o céu tivesse caído na sua cabeça, quem sabe, tivesse sido atropelado por um pesado trator, ou assim...

Só se lembrava que tinha sido preso, e que o penduraram no pau de arara e começaram a dar porrada. Depois tudo ficou escuro.

- Estou aqui, porra, falem comigo! - gritava sem que os sons saíssem da sua boca.

Uma bata branca chegou perto dele, elevou a pálpebra esquerda e com um foco de luz pequenino a iluminou ao mesmo tempo que olhava para o olho direito. Pegou na prancheta pendurada na cabeceira da cama e anotou uns rabiscos, olhou para ele e foi embora.

- O filho da puta nem sequer falou comigo, era como se eu fosse um montão de carne enfaixada e deitada na cama. Estou aqui, falem comigo! – gritava a sua alma, sem ter forças para verbalizar.

Ainda tentou segui-lo com o olhar, mas depressa desapareceu do seu campo visual.

- Puta merda e ninguém me diz nada. Será que vou morrer e só estão à espera que eu pare de respirar?

Os olhares que o observavam, desinteressaram-se dele e se ocuparam de outras coisas, quiçá mais interessantes.

-Como eu me chamo? Puta merda, não me lembro, por mais que eu me esforce não consigo saber quem sou.

Se morresse, não teria sido ele que havia morrido e sim aquele corpo sem nome e sem memória.

Meteu a mão esquerda dentro da boca para inspecioná-la. Pelo menos tinha língua e dentes. Achava engraçado, não ter sede nem fome, mas acabou por descobrir uma sonda no seu nariz, que devia ir até ao estômago para se fazer a alimentação. Descobriu, então, que não conseguia engolir.

Estava mesmo mal e aquela dor na alma estava aumentando e não conseguia sequer gritar de dor. Estava com falta de ar e começou a ficar com tonturas. O teto estava rodando sem parar e ficando cada vez mais branco, aliás tudo estava ficando cada vez mais branco. Não conseguia ouvir nenhum som e achava que estava morrendo.

A dor da alma desapareceu e a enfermaria também. Sentia uma leveza enorme, assim como se toda a paz do mundo tivesse pousado nele. Um sono enorme o invadiu e se sentiu muito bem. Dormiu um bocado e quando acordou já não conseguia lembrar de nada.

Leitava sobre o vazio dos tempos...

O Coveiro, encontrou a sua paz de alma, ao ser trespassado por balas de metralhadoras vindas dos militares que desbarataram o acampamento de guerrilheiros, que ele fazia parte, no interior do Maranhão, perto de Marabá. Dizimaram os oito revolucionários, os que foram presos, foram assassinados com um tiro na cabeça.

Isolada do mundo, com o seu filho crescendo na barriga, Magali contava os dias para o parto e para encontrar o amor da sua vida e dar a conhecer o fruto do avassalador amor que havia surgido entre eles.

A gravidez, aumentou a sua beleza e até o exílio parecia mais ameno.

Foi para a ala das presas grávidas e o seu humor melhorou substancialmente. Seu olhar era de tanta esperança, que disseminava amor pelos poros.

Tal como o previsto, entrou para a liberdade condicional, quando o seu filho tinha seis anos de idade. Tinha terminado o curso de direito e passado no exame da Ordem dos Advogados. Montou um escritório popular no seu bairro, cobrando honorários que o povo podia pagar e vai levando a vida como pode. A população a respeita e o seu trágico passado foi esquecido.

Nunca mais soube do seu amor, e nem chegou a saber do seu triste fim.

Ele engrossou o rol dos desaparecidos do regime militar e o seu registro civil foi apagado.

O Coveiro tinha quarenta e um anos, mas nunca existiu.